



DEGRADAÇÃO URBANA E AMBIENTAL E O LUGAR DA CLASSE TRABALHADORA: O ENSAÍSMO DE FRIEDRICH ENGELS

RODRIGUES, Davidson de Oliveira.¹

Palavras-chave: Friedrich Engels, Marxismo e Literatura, Lumpemproletariado, Degradação Ambiental

Grupo de Trabalho: GT 6 – História, Economia, Desenvolvimento e Ecosocialismo

Resumo

Esta proposta tem a pretensão em oferecer um ensaio que revise algumas das mais famosas passagens de “*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*” (1845) de Friedrich Engels. Inicialmente o texto problematiza as relações entre ensaio, literatura e marxismo; destaca a importância do olhar ensaísta e da escrita literária, instrumentos úteis ao cientista social na compreensão dos conflitos cotidianos inscritos nas desigualdades por hora naturalizadas. Nesse sentido, parte-se das reflexões de Theodor Adorno sobre a forma-ensaio e das perspectivas de Raymond Williams e Carlos Nelson Coutinho acerca das relações entre marxismo e literatura. Conforme evidencia algumas linhas da tradição marxiana, assumir as conexões entre sociologia e arte/literatura possibilita a retomada das inspirações iluministas assentadas na livre crítica e no desvelamento do oculto e do senso comum. Uma vez conformada essa etapa, inicia-se a problematização do livro de Engels como um texto sociológico e literário fundamental para a compreensão dos problemas urbanos e mesmo ecológicos da sociedade capitalista. Um texto que, em certa medida, inaugurou uma tradição. Desse modo, tematizar as conexões entre grandes cidades e meio ambiente é um caminho para a análise das desigualdades prevalentes na produção e distribuição de bens e valores (constatação presente no texto do ensaísta alemão). Este é um dos problemas atuais do mundo capitalista, percebido na favelização e degradação ambiental em âmbito mundial, como mostra, por exemplo, o marxista Mike Davis. Trata-se de enfatizar a atualidade de “*A situação da classe trabalhadora*” e de sua instrumentalização como um guia de leitura para a contemporaneidade. Assim, inicia-se a segunda parte do ensaio: uma análise das contradições presentes nos vetores de crescimento urbano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). Busca-se analisar o cotidiano de bairros lumpemproletários do município de Esmeraldas, avaliando como a expansão urbana desenfreada encadeou uma degradação ambiental, um enfraquecimento das redes de sociabilidade e uma anomia nas formas de organização e resistência coletivas. Para este tipo de análise foi empregado a observação fisionômica da precariedade dos bairros lumpemproletários, bem como nas próprias conexões pessoais e particulares do ensaísta com tal ambiente. Trata-se de desenvolver uma

¹ Aqui no rodapé identificar titulação e vínculo institucional. Por exemplo: Professor do Setor de Ciências Humanas/Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Machado e doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Email: davidsonhistoria@gmail.com.



sensibilidade para assimilar as dinâmicas locais que impelem os agentes a deteriorar o mundo natural e social em seus entornos. O que alinhava as duas partes do ensaio é a compreensão da atualidade da perspectiva crítica e literária para a demarcação das desigualdades inerentes ao capitalismo, bem como no entendimento de que as mutações ocorridas no âmbito da urbanização excludente restauraram condições de vida análogas àquelas vivenciadas no século XIX.



BOOKCHIN, CASTORIADIS E GORZ: PENSAMENTO REVOLUCIONÁRIO E ECOLÓGICO A PARTIR E ALÉM DE MARX

Arthur Dantas ROCHA¹

Palavras-chave: Marxismo. Ecologia. Socialismo. Crítica social. Século XX
GT 6 – História, Economia, Desenvolvimento e Ecosocialismo

Resumo:

Qual foi o corpo teórico marxiano que interessou a três pensadores de trajetórias tão distintas, porém de orientação revolucionária como o estadunidense Murray Bookchin (1921-2006), o grego Cornelius Castoriadis (1922-1997) e o austro-francês André Gorz (1923-2007)? E quais questões foram levantadas no decorrer dos turbulentos anos 1960 para que os três autores, amplamente escorados em críticas sociais aonde a questão ecológica ganha proeminência, fizeram com que Bookchin criasse a Ecologia Social (e o municipalismo libertário de matiz anarquista), Castoriadis embarcasse em uma abordagem freudomarxista que o fez um dos próceres da Autonomia no Ocidente, e com que André Gorz embarcasse na ecologia política, amplamente pós-marxista? O trabalho pretende examinar, através da pesquisa em fontes primárias, o que Karl Marx escreveu que aponte para uma possível filosofia da natureza e até mesmo a uma crítica da relação entre capitalismo e o mundo natural e, em seguida, trazer a tona o que tornou os três autores contemporâneos marxistas, seguindo pistas bibliográficas e biográficas, não pretendendo criar uma cisão perigosa entre teoria e práxis. A partir daí, entender o que a agudização da crise ecológica e a quebra de paradigmas políticos inerentes ao 1968 no planeta possibilitaram uma revisão de posições ancoradas no marxismo e criação de novos paradigmas políticos/filosóficos de orientação revolucionária. Por fim, um balanço crítico através das três trajetórias através dos comentaristas e o legado dos três pensadores no mundo atual e a tentativa de problematização de uma questão mais ampla: o ecosocialismo pode/deve ser marxista? A discussão destes três autores em particular contempla aspectos distintos do presente seminário: a atualidade de uma práxis revolucionária, já que a revolução curda em andamento encontra em Murray Bookchin e sua Ecologia Social uma grande influência, no fato de que Castoriadis, ao lado de Daniel Cohn-Bendit é autor de *Da Ecologia a Autonomia*, um dos documentos/balanço crítico da experiência sessenta oitista paradigmáticos no campo da esquerda e que André Gorz é uma referência basilar no ecosocialismo tal descrito por Michel Löwy.

¹ Técnico em Gestão Ambiental pelo IF Sul de Minas – campus Inconfidentes. Cursando licenciatura em Pedagogia – campus Muzambinho. E-mail: velot.wamba@gmail.com



O CAPITAL: PARA ALÉM DO ECONOMICISMO

CONCEIÇÃO, Marcelo Rodrigues¹

Palavras-chave: Capital. Economicismo. Cultura. Política.

Grupo de Trabalho: GT 6 – História, Economia, Desenvolvimento e Ecosocialismo

Resumo

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a abordagem economicista, em que prevalece o mercado para explicar a sociedade e suas relações, nas análises de Marx sobre o capitalismo. O objetivo foi estudar e apresentar elementos que indicam sempre haver a presença de outras instâncias, política, social, cultural, relevantes na análise da estrutura do capitalismo. O trabalho tomou como base a revisão de *O capital*, livro I, em que a economia é o elemento primordial, mas sem se abster dos aspectos culturais e políticos, atentando-se para os elementos e métodos que foram dispostos durante a exposição do autor. Buscou-se dar ênfase às indicações sobre a correlação de fatores que possibilitaram a descrição do funcionamento e da organização social do capitalismo em seus primórdios. O economicismo, para alguns economistas seria o termo correto, é um tipo de abordagem ligada ao processo produtivo e ao mercado de trabalho, que se impôs em relação às demais instâncias da sociedade. Um dos principais motivos pelos quais há essa predominância é a incompreensão sobre a correlação que existe entre a economia e outras instâncias, sem que haja o predomínio de uma ou de outra. Apesar de Marx separar a sociedade em infraestrutura, base econômica em que estão as forças da produção, e superestrutura, espaço de estratégias das classes dominantes como o aparato jurídico estatal, fica notória a correlação entre a economia e outras instâncias como a cultura, por meio das transformações na vida dos trabalhadores e a política pela disputa e usufruto do poder, caso da criação de leis que possibilitaram a efetivação do capitalismo. A análise da sociedade capitalista efetuada por Marx, pelo viés econômico, não necessariamente indica não haver importância e influência de outros aspectos como os culturais e os políticos. Por mais que se tente, não é possível se pautar pelo econômico isoladamente, o político, no caso dos estudos de Marx, interfere diretamente nessa esfera e com as modificações e as tensões produzidas, vão-se alterando as condições de vida e, portanto, a cultura da sociedade. Logo, as demais instâncias não são meros expectadores do econômico, mas se correlacionam com ele.

¹ Professor do ICHL/Unifal-MG e doutor em Educação: História, política, Sociedade pela PUC/SP, marcelo.conceicao@unifal-mg.edu.br.



A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA COMO UM FATOR DA CRISE DE SUPERPRODUÇÃO

Guilherme de Oliveira FALEIROS

Palavras-chave: Superprodução. Obsolescência programada. Capitalismo.

Grupo de Trabalho: GT 6 – História, Economia, Desenvolvimento e Ecosocialismo

Resumo

O aparente hábito das pessoas de consumir mercadorias além de suas necessidades tem sido muito discutido. São aspectos dessa discussão a crítica ao consumismo exacerbado, à suposta alienação dos consumidores como cidadãos, os efeitos negativos da publicidade agressiva nas pessoas, a obsolescência programada e a enorme geração de lixo causada por esse processo. Todos esses pontos parecem ter uma origem comum, a crise de superprodução do capitalismo, que foi prevista por Marx como uma crise que, mais cedo ou mais tarde, se torna irreconciliável, o que culmina na superação do modo de produção capitalista pelo socialista. Tal crise se caracteriza pela evolução das forças produtivas. Em outras palavras, há um momento histórico em que a produção capitalista atinge, ou é capaz de atingir, as necessidades de todos. A partir desse momento, como a tecnologia não para de avançar, tornando a produção mais eficiente, passa a ocorrer uma produção excedente que satura o mercado consumidor. Essa saturação não é compatível com o sistema mercantil do capitalismo, que depende da venda da mercadoria e da extração da mais-valia. Com isso, ocorre a crise de superprodução capitalista que, se não for contida, acaba por culminar na revolução e no advento do modo de produção socialista. A obsolescência programada é a alteração da mercadoria, durante a sua produção, para durar menos, ou a estratégia de *marketing* para que o consumidor deseje trocar a mercadoria que adquiriu prematuramente, para que compre algo novo, ou seja, a redução subjetiva do valor de uso das mercadorias já adquiridas. O objetivo deste trabalho é estudar a crise de superprodução em Marx em conjunto com bibliografias que tratam especificamente da obsolescência programada em todos os seus aspectos, para que seja estudada como um artifício do capital para lidar com a crise de superprodução, sendo que também será estudada a capacidade deste artifício de lidar com a crise, dada a constante evolução das forças produtivas.

O MOVIMENTO AMBIENTAL SOB A LONGA DURAÇÃO: 1968 – 2018

Luciano Pereira¹

Palavras-chave: ambientalismo, classes, forças produtivas, sistema-mundo, longa duração.

GT 6 – História, Economia, Desenvolvimento e Ecosocialismo

Para os teóricos do sistema-mundo (Wallerstein, Arrighi e Hopkins, 1991), 1968 foi um evento mundial no qual a esquerda sofre uma inflexão, a saber, a ideologia do progresso, ideologia essa que a esquerda compartilhava com o pensamento liberal, passa a ser criticada por estudantes e trabalhadores nas ruas, fábricas e universidades. Para Wallerstein, a ideologia do progresso era o que legitimava setores da esquerda que, em nome de um futuro próximo, convencia os setores revolucionários, agora desmobilizados, a esperar por tempos melhores, o que inclusive contribuía para manter as estruturas de poder hierárquicas de movimentos, sindicatos, partidos e o Estado pós-revolução. Dentre os movimentos sociais que entram em cena naqueles anos 1960, o movimento ambientalista faz de sua crítica ao progresso e ao desenvolvimento das forças produtivas seu *leitmotiv*. Um dos marcos da emergência dessa nova compreensão é o influente livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson e publicado em 1962, sobre o uso intensivo de agrotóxicos nas plantações do EUA. Décadas depois, a agroecologia, um modelo de produção de alimentos que se baseia em processos naturais é adotada por camponeses empobrecidos de países periféricos e semiperiféricos e de movimentos sociais filiados a Via Campesina, uma associação internacional de camponeses. O artigo que submeteremos aos Anais do Seminário Nacional Marx 200 analisará, em primeiro lugar, como o legado do ambientalismo que surge nos países centrais, no quadro dos chamados *novos movimentos sociais*, passa a ser defendido por movimentos sociais do Sul Global, em perspectiva crítica ao desenvolvimentismo, essa ideologia irmã do progresso. Em segundo lugar, analisará a formação de um ambientalismo mundial e anti-sistêmico que se reuniu nas edições do Fórum Mundial Social e que, atualmente, encontra dinâmicas semelhantes no Sul e no Norte que estão sob formas de *acumulação por despossessão*, para usar a expressão de David Harvey. No Sul Global, os movimentos fazem a crítica do extrativismo, que se baseia na exploração e produção de bens primários para exportação, no Norte, os movimentos ambientais se opõem a formas de extração de combustível fóssil, na América do Norte, e a grandes obras de infra-estrutura, na Europa Ocidental.

Bibliografia

Carson, R. *Silent Spring*. London : Penguin, 1991.

Foster, J. B. *A ecologia de Marx - materialismo e natureza*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

Harvey, D. O novo imperialismo. São Paulo: Loyola, 2004.

Loureiro, I. Repensando o progresso. **Praga - Revista de Estudos Marxistas**, São Paulo, v. 7, p. 47-63, 1999

Klein, N. *This is change everything*. Nova York: Simon & Schuster, 2014.

¹ Professor Doutor, área Movimentos Sociais e Educação, na Faculdade de Educação, UNICAMP. E-mail: msocial@unicamp.br

Kosselleck, R. *Crise e crítica – contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

Mccormick, J. *Rumo ao paraíso - a história do Movimento Ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

Wallerstein, I., Arrighi, G., Hopkins, T. *Anti-systemic movements*. London: Verso, 1989.